“Histórias do Trabalho no Sul Global”
“Historias del Trabajo en el Sur Global”
“Labour Histories from the Global South”
I Seminário Internacional de História do Trabalho
V Jornada Nacional de História do Trabalho
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis
25-28 de Outubro de 2010

Agitação e Propaganda: trabalho, militância e imprensa comunista (1965-1975)

Cristiane Muniz Thiago[1]

Introdução

Nosso objetivo neste texto é analisar o papel de um conjunto de trabalhadores, responsáveis pelo setor gráfico do Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre os anos de 1965 e 1975. Este setor era subordinado a Seção de Agitação e Propaganda (SAP) do PCB, que controlava as atividades de redação, impressão e distribuição do material de propaganda política do partido. Em plena ditadura civil-militar, o PCB planejou e executou um projeto para a produção e distribuição do material do partido. O sistema gráfico do SAP incluía um conjunto de gráficas legais e clandestinas em duas regiões do país, sudeste e nordeste, e em pelo menos três estados: Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História da UNICAMP, bolsista FAPESP.

Em 1975, a estrutura da SAP é seriamente abalada com a prisão de vários de seus integrantes e a localização das gráficas clandestinas. Analisar essa história significa problematizar o papel desses trabalhadores na produção da imprensa comunista durante um regime de exceção. Não podemos deixar de considerar as redes de apoio e solidariedade, no Brasil e no exterior, que esse grupo reuniu ao longo da ditadura, inclusive após a prisão de parte de seus membros em 1975. A partir da documentação da polícia política de São Paulo e do Rio de Janeiro, que produziu um conjunto documental bem detalhado das atividades desse grupo, e do material da imprensa diária, pretendemos levantar algumas questões. Os resultados da pesquisa indicam que a manutenção da SAP, particularmente da estrutura de produção gráfica, foi resultado de uma articulação que envolveu um conjunto variado de trabalhadores dispostos a dedicar seu saber técnico e sua militância para articular forças no enfrentamento da ditadura no país.

Agitação e Propaganda: as gráficas do partido

A Seção de Agitação e Propaganda (SAP) foi durante décadas o órgão responsável distribuição, impressão e elaboração do material de divulgação do Partido Comunista Brasileiro (PCB).[2] Entretanto, a conjuntura imposta pela ditadura no Brasil (1964-1985), irá alterar a maneira de a SAP agir. A partir de 1964, o país experimentou a coexistência entre um Estado autoritário e a promoção de políticas de modernização econômica. O que esteve em jogo foi uma nova etapa do desenvolvimento econômico-industrial e a inserção do país na ordem capitalista mundial. O auge dessa política situa-se na década de 1970, o chamado "milagre brasileiro". Vultosos investimentos foram feitos na implementação de novas tecnologias que permitiram um alto índice de produtividade da indústria nacional.[3] De um lado, o crescimento econômico do país era atingido com êxito para os empresários; de outro lado, crescia a desigualdade social e a repressão do regime.

[2] O Partido Comunista do Brasil foi criado em 1922 e alterou curtos momentos de legalidade com longos períodos na clandestinidade. Em 1960, em mais uma tentativa de ser um partido legalmente aceito passa a ser chamado de Partido Comunista Brasileiro. Porém, o partido permanecerá na ilegalidade até 1985. SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos: Comunistas e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, UNIRIO, 2001.

[3] PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999.

Na medida em que sindicatos, associações de classe e partidos políticos tinham suas atividades cerceadas,[4] novas formas de mobilização foram articuladas. Nesse momento a SAP desempenhava uma função primordial para a circulação das principais questões discutidas pelo PCB, mas sofre as restrições impostas pelo cerceamento das atividades democráticas. O PCB atribuiu, em seus documentos, grande importância às publicações como o *Voz Operária*, resultado do trabalho da SAP:

> O Voz Operária é o vínculo permanente e efetivo do Comitê Central com as organizações partidárias. É, nas condições atuais, o mais importante instrumento de trabalho político para orientar o Partido, seus amigos, simpatizantes, aliados e, em certa medida, contingentes do povo brasileiro.
> O trabalho com o Voz Operária deve ser encarado como a primeira tarefa do conjunto do Partido na frente de agitação e propaganda.[5]

A polícia política[6] também destacava a importância da SAP para articular o partido, sobretudo durante a ditadura:

> A SAP é um dos órgãos mais importantes e dos mais fechados do PCB. Seus integrantes, por isso mesmo, tem militância praticamente à parte, diferente daquela praticada pelos demais integrantes do Partido.
> A importância da SAP decorre de ser ela a responsável por todas as atividades de agitação e de propaganda do PCB, isto é, pela confecção, publicação e distribuição de todos os documentos partidários, fazendo chegar até às bases, em todo o território nacional, todas as palavras de ordem, todas as diretrizes emanadas da direção do Partido. Essa atividade cresce de importância com a vida clandestina do PCB, pois ela passa a representar o lisme, o cimento que une toda a estrutura partidária.[7]

---

[4] SILVA, Francisco Carlos Teixeira. "A Modernização Autoritária", in: LINHARES, Maria Yedda. (org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, CAMPUS, 1992.
[5] DEOPS/SP. 50-Z-9-42882. p.134.
[6] Desde o início do século XX diversos órgãos foram responsáveis pela repressão, prevenção e produção de informações relacionadas aos crimes políticos no atual estado do Rio de Janeiro. Esses órgãos compõem o que convencionamos chamar de polícia política. No caso do Rio de Janeiro temos o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que a partir de 1964 perdeu sua importância como órgão de inteligência e concentrou suas atividades no fornecimento de informações e na repressão. Em 1992 o acervo da polícia política foi recolhido ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). MENDONÇA, Eliana Rezende Furtado de. "Documentos da Polícia Política do Rio de Janeiro". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.12, nº 22, 1998. "Dentro desse enfoque, a polícia política seria resultado de um processo de "especialização" dos órgãos da instituição policial, surgindo, formalmente, em 1933 com a criação, na antiga Policia Civil do Distrito Federal, da Delegacia Especial de Segurança Política e Social, encarregou-se dos chamados crimes políticos e sociais". XAVIER, Marília. "Antecedentes Institucionais da Policia Política". *DOPS: A lógica da Desconfiança*. Rio de Janeiro: Secretaria Estadual de Justiça, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996.2ª ed.
[7] DEOPS/SP. 50-Z-9-42883. p.135.

Para unir "toda estrutura do partido" o sistema gráfico do PCB era composto de gráficas legais e clandestinas, dispostas da seguinte maneira: A gráfica clandestina do Rio de Janeiro (G-1) recebia apoio de duas gráficas legais, a Gráfica Hizel e a Gráfica J.S. Chagas Clichês. A gráfica de São Paulo (R/2), também clandestina, iria substituir a gráfica do Rio de Janeiro. Ela seria auxiliada pela Gráfica Potiguara, que era legal e de propriedade de Raimundo Alves e Dervil Antonio Beneditti. As gráficas de Minas Gerais (M-3), Rio Grande do Sul (R-5) e Bahia (C-6) não chegaram a ser instaladas. A gráfica do Ceará (S/4) foi fechada em 1972.[8]

Segundo o relatório do DEOPS/SP, Raimundo Alves era o responsável, no nível nacional, pela implantação das instalações gráficas da SAP e pela impressão do material gráfico. Antes de chegar às mãos de Raimundo Alves, o material era escrito por membros do Comitê Central e outros membros do partido, depois o material era datilografado por membros ou simpatizantes do partido que trabalhavam em jornais e revistas e por fim encaminhados a Raimundo Alves para a impressão.

A principal gráfica do SAP até o início dos anos de 1970, a "G-1" funcionava no Caminho Anésia, nº 228, estrada do Morro Cavado[9], Campo Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Concebida e montada no ano de 1965, permaneceu em funcionamento até janeiro de 1975. O funcionamento da gráfica guardava uma peculiaridade que caracteriza o momento da produção gráfica no país. A casa escolhida para receber a gráfica não dispunha de espaço suficiente para o maquinário e o barulho produzido pelas máquinas poderia chamar a atenção dos vizinhos. A solução foi a construção de dois pavimentos, sendo um no subterrâneo da casa, o que rendeu o apelido de "Gráfica do Buraco". Essa gráfica estava ligada a mais duas gráficas que funcionavam legalmente. A primeira delas, a Gráfica Hizel, era propriedade de Newton Higino de Souza, sobrinho de Raimundo Alves. Essa gráfica era responsável pela compra de papel, tinta e maquinário para a gráfica de Campo Grande e chegou a imprimir o *Voz Operária* durante o ano de 1972.[10] A Gráfica J.S. Chagas e Clichês, que também estava ligada à

[8] DEOPS/SP. 50-Z-9-42881. p.133.

[9] SOUSA, Raimundo Alves. *Os desconhecidos da história da imprensa comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005.

[10] Por um período, entre 1971 e 1972 a gráfica de Campo Grande ficou desativada. A prisão de um militante do PCB responsável pela distribuição do *Voz Operária* foi decisiva para o fechamento da mesma. Porém, ainda na primeira metade dos anos 1970 a gráfica de Campo Grande volta a funcionar. SOUSA, Raimundo Alves. *Os desconhecidos da história da imprensa comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005.

estrutura clandestina do PCB, pertencia a Jair da Silva Chagas. Nesse espaço eram produzidos os chichês[11] e outros materiais que a gráfica de Campo Grande não tinha estrutura para produzir.

Após quase dez anos de funcionamento, a gráfica foi fechada e os principais responsáveis pela sustentação do setor gráfico foram presos. As prisões dos militantes envolvidos com a produção gráfica do partido ocorreram durante o governo do General Ernesto Geisel, período caracterizado pela adoção de uma política de distensão "lenta, segura e gradual" do regime. Mas esse processo foi de fato "lento" e as prisões ilegais, torturas e uma gama de arbitrariedades continuavam sendo praticadas contra aqueles que se manifestavam contrários à ditadura.[12]

> Sem terroristas para caçar e com o Araguaia devolvido ao silêncio da floresta, o Centro de Informações do Exército [CIE] avançara novamente sobre o Partido Comunista. Essa ofensiva, lançada no início de 1975, abriu a primeira crise militar do governo Geisel.
> No dia 13 de janeiro o CIE estourou a capa de proteção do PCB e localizou a gráfica clandestina onde se imprimia o jornal a *Voz Operária*, no subúrbio carioca. Ela funcionava num subterrâneo, num sítio. Chegava-se à impressora por um alçapão existente no fundo de uma caixa-d'água, que era esvaziada para que os trabalhadores descessem. A Voz submergira em 1964, mas reaparecera um ano depois, circulando mensalmente. Com a gráfica, sumiu mais um pedaço da cúpula do Partidão. [...] Era a Operação Radar. Ela mostrou que o PCB longe de estar neutralizado, tinha uma gráfica de filme, recebia cerca de 200 mil dólares anuais de Moscou e participara das articulações do MDB e da campanha de 1974.[13]

O fechamento da gráfica do subúrbio do Rio de Janeiro sem dúvida afetou a estrutura do sistema gráfico do PCB. Porém, foi o fechamento da gráfica de São Paulo, que estava sendo preparada para substituir a gráfica do Rio de Janeiro, que interrompeu o até então bem sucedido esquema de impressão e distribuição do material de propaganda do PCB. O relatório do DEOPS/SP que faz o levantamento sobre o SAP aponta a prisão de uma série de indivíduos ligados às gráficas e a instalação de Inquéritos Policiais Militares no Rio de Janeiro e em São Paulo. O texto conclui que diante das prisões dos

---

[11] "Placa de metal, com imagens ou dizeres em relevo, obtida por meio de estereotipia, galvanotipia ou fotogravura, e destinada à impressão em máquina tipográfica". PORTA, Frederico. *Dicionário de Artes Gráficas*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958. p.79.
[12] PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
[13] GASPARI, Elio. *O Sacerdote e o Feiticeiro: A Ditadura Encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Vol. 4. p. 24 e 25.

envolvidos no SAP e da localização das gráficas, o sistema de propaganda do partido estaria seriamente abalado.

> A SAP foi seriamente atingida em sua estrutura particularmente nos setores de impressão e distribuição. Num partido na clandestinidade isto significa um rude golpe já que é por seu intermédio que se consolida as ligações entre todos os integrantes e organismos partidários.[14]

Para analisarmos o papel desempenhado pela Seção de Agitação e Propaganda (SAP) do PCB, nos anos de exceção, iremos deter nosso olhar sobre os indivíduos que de alguma forma estavam ligados às atividades de produção do material gráfico do Partido Comunista do Brasil (PCB) e davam sustentação a SAP. A polícia política de São Paulo e do Rio de Janeiro produziu um conjunto documental bem detalhado sobre as atividades desses militantes. No início dos anos de 1970, o sistema gráfico do PCB em São Paulo estava sendo ampliado e substituiria a gráfica clandestina do Rio de Janeiro. Os dois estados concentravam a impressão do material do partido.

A trajetória de um militante

Iniciamos nossa análise das trajetórias dos responsáveis pelo funcionamento de sistema gráfico do PCB durante a ditadura por Raimundo Alves de Sousa.[15] Raimundo empenhou seu saber técnico e parte de sua vida para manter as publicações do PCB na clandestinidade. Aos oito anos de idade, migrou do Maranhão para o Piauí, retornou em 1935 para o Maranhão e em 1937 volta ao Piauí. Em 1942, no terceiro ano do antigo ginásio, passou a participar do movimento estudantil. Em 1945, fixa residência em São Luís, o objetivo de sua família era afastá-lo da influência comunista. No final dos anos 1940, é aprovado para a Escola de Sargento de Armas, no Rio de Janeiro, mas é impedido de viajar por ser considerado um subversivo. Secretário de Organização do

[14] DEOPS/SP. 50-Z-9-42875. p.127.

[15] Raimundo Alves de Sousa, ou Raimundão como era mais conhecido, nasceu na cidade de Nova York, no Maranhão, era tipógrafo e militante sindical. Faleceu em 12 de julho de 2006, poucos meses depois de lançar seu livro de memórias. Segundo Raimundo escrever essa "história" foi uma forma de prestar contas de sua militância no partido. SOUSA, Raimundo Alves. *Os desconhecidos da história da imprensa comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005.

Comitê Estadual do PCB, aprende tipografia e em 1951 chega ao Rio de Janeiro para fazer parte da produção do periódico *Imprensa Popular*, uma publicação do PCB. O recrutamento de gráficos ligados ao partido em diferentes áreas do país foi segundo Raimundo Alves uma estratégia diante da falta de mão de obra especializada e de confiança no próprio Rio de Janeiro. As perseguições e prisões dos anos 1940 também haviam limitado o contingente de gráficos dispostos a trabalhar na produção do material do partido. No ano de 1953, Raimundo Alves passa a fazer parte do Sindicato dos Gráficos. Em suas memórias, Raimundo narra às dificuldades experimentadas em meados dos anos 1950, quando o pertencimento ao partido limitava suas atividades no sindicato.

> As tarefas eram tão especificas que nos proibiam de ir a comícios, passeatas e comandos de jornais. Frequentar o sindicato era possível, desde que sem grande envolvimento.
> Essa proibição se justificava, pois não deveríamos ser reconhecidos. Não que os órgãos de segurança não conhecessem a todos, mas simplesmente para não assumirmos responsabilidades ou cargos ou mesmo envolvimento em movimento de rua, em função das prisões e detenções que ocorriam. [16]

Sua militância sindical fazia parte de sua responsabilidade com o Partido e, apesar dos limites impostos pela repressão[17] e pelas estratégias traçadas pelo próprio PCB no final dos anos 1950, Raimundo passa a editar o jornal *Notícias Gráficas*.[18] Além desempenhar a função de editor, Raimundo Alves escrevia artigos para o periódico. "Esse jornal foi durante mais de 6 anos o órgão que orientava o partido nas gráficas, onde tínhamos organização de base".[19]

---

[16] SOUSA, Raimundo Alves. *Os desconhecidos da história da imprensa comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005. p.27

[17] Marcelo Badaró propõe como objetivo geral de seu estudo, que abrange o período de 1945 – 1964, analisar as estratégias de repressão ao movimento sindical. Segundo o autor, mesmo em determinados períodos de democracia os órgãos da polícia política continuavam tendo forte atuação e a repressão era uma constante para o movimento sindical e para as atividades político-partidárias associadas ao comunismo. MATTOS, Marcelo Badaró (coord.). *Greves e repressão policial ao sindicalismo carioca* (1945-1964). Rio de Janeiro: FAPERJ/APERJ, 2003.

[18] Este periódico foi criado em junho de 1945 durante o processo de redemocratização do país como um instrumento do Comitê Democrático (Órgão do Partido Comunista do Brasil - PCB), voltado para os gráficos. Durante quase duas décadas foi um dos importantes meios de expressão dos gráficos ligados ao PCB. A partir de 1947, *Noticias Gráficas* passa a ser "um órgão Informativo da corporação gráfica", essa transição ocorre pelo desgaste da proposta dos Comitês Democráticos.

[19] SOUSA, Raimundo Alves. *Os desconhecidos da história da imprensa comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005. p.57.

Em 1963, Raimundo é eleito para a diretoria do sindicato, sendo também representante deste no Conselho da Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas (FNTIG). Se não é de todo verdade que se manteve esse período afastado do sindicato podemos perceber que sua posição no partido impunha de fato limitações, mas a tarefa de "conscientizar" sua categoria não era deixada de lado.

Apesar de ser contemporâneo de destacados comunistas gráficos, que ocuparam cargos na direção sindical como Giovanni Amadeu Romita,[20] Raimundo Alves tinha sua militância junto aos gráficos mais circunscrita ao jornal *Notícias Gráficas*. A partir de 1964, os espaços de atuação dentro da legalidade são reduzidos e o próprio jornal de orientação comunista deixa de circular. Nesse contexto, qual seria o espaço de atuação de Raimundo Alves? Como já mencionamos esse militante comunista passa a ocupar um papel importante na estrutura da Seção de Agitação e Propaganda do PCB. Após mais de dez anos de vida clandestina Raimundo Alves é preso na cidade de São Paulo:

> O DOI/II Ex. de acordo com orientação acima, iniciou um trabalho meticuloso de levantamento das atividades do PCB na área de São Paulo/SP. Trabalho esse que viria a ser coroado de êxito cinco meses após, em 13 de Jan 75, com a prisão de Raimundo Alves de Souza, "Petrônio", "Tanaka" ou "Batista", um dos integrantes da direção da Seção de Agitação e Propaganda – SAP, ligado ao setor gráfico, e que, por isso, poderia levar aos locais de impressão dos documentos do PCB, em particular o jornal clandestino Voz Operária, órgão oficial do CC/PCB, como de fato ocorreu.[21]

Para continuarmos a mapear a trajetória de Raimundo Alves de Souza, analisaremos o Inquérito Policial Militar número dois de 1975. Esse inquérito investiga a gráfica clandestina do Rio de Janeiro ligada ao PCB, ou seja, a gráfica "G/1". Composto por uma série de depoimentos de militantes comunistas, simpatizantes do partido e trabalhadores gráficos que de alguma forma estavam envolvidos com a gráfica, o inquérito elucida uma parte importante da atividade de alguns gráficos na clandestinidade. O inquérito "2/75" nos apresenta uma série de "subversivos" responsáveis direta ou indiretamente pela produção do material do PCB. Entre tantos nomes denunciados ao final da investigação (24 nomes ao todo, nos inquéritos abertos no

[20] Giovanni Romita foi um dos fundadores do Comitê Democrático dos Gráficos. Militante do PCB e Presidente do Sindicato dos Gráficos de 1956 a 1964, Romita teve seus direitos políticos cassados em 1964 e de acordo com a documentação da polícia política do Rio de Janeiro se afastou da vida política.
[21] DEOPS/SP. 50-Z-9-42883. p.135.

Rio de Janeiro e São Paulo), iremos deter nossa atenção nos trabalhadores gráficos, sobretudo naqueles indivíduos que de alguma forma representam parte da SAP.

Em 1965, Raimundo Alves de Souza recebe o convite do PCB para montar e dirigir o novo aparelho de impressão gráfica do Partido. Ao aceitar a tarefa é informado do endereço do novo "aparelho" e começa a providenciar o funcionamento de uma pequena estrutura gráfica em Campo Grande, cidade do Rio de Janeiro. Raimundo foi responsável pelo contato com outros gráficos que trabalharam na gráfica ou prestaram serviço de suporte para a produção do material do partido, inclusive o *Voz Operária*.[22]

Em seu livro de memórias, Raimundo aponta a data de 11 de janeiro de 1975 como o dia de sua prisão na capital paulista, já o relatório da polícia paulista faz referência ao dia 13 do mesmo mês para a ocorrência. No entanto, o IPM indica o dia de 23 de janeiro de 1975, como a data que Raimundo Alves é preso. Entre a detenção em São Paulo e seu aparecimento no Rio de Janeiro, onde foi apresentado oficialmente, passaram-se 12 dias. O primeiro depoimento oficial de Raimundo Alves foi dado no dia 24 de janeiro de 1975. Além de informações sobre o PCB e a estrutura gráfica do partido nosso personagem narra sua trajetória de militância política e sindical.

> [...] que em 1953, no início do ano, o declarante ingressou no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Distrito Federal; que no sindicato o declarante se limitava a pagar mensalidade, votar nas eleições, sempre no candidato Giovanni Amadeu Romita; que na opinião do declarante Romita era comunista; que o sindicato editava um jornal denominado Voz do Gráfico; que o declarante lia habitualmente referido jornal; que neste jornal escreviam ativistas sindicais como Duvitiliano Ramos e outros, cujos pontos de vista coincidiam com os do declarante; que em fins de 1953, com o fechamento de "O Radical", o declarante foi encaminhado pelo sindicato para "a Imprensa Popular"; que este jornal era de orientação tipicamente comunista; que o declarante trabalhou aí até o fechamento do jornal, se não lhe falha a memória, até 1957; que o declarante conseguiu um emprego na Gráfica Editora Itambé.[23]

[22] DEOPS/SP. 50-Z-9-42883. p.135.

[23]Polícia Política/RJ - Inquérito Número 2 de 1975, Pasta 22. A gráfica Itambé figura na seção "Comunismo" por sua explicita ligação com o Partido Comunista. Alguns dos gráficos citados nesse texto trabalharam ao longo dos anos 60 e 70 nesta gráfica. "O exame da documentação apreendida e o fato de os dirigentes da editora [Editora Gráfica Itambé] registrarem, neste DOPS, antecedentes político-sociais, pelos quais se verifica que todos eles estão inequivocamente comprometidos com o P.C.B. (doc. junto), vêm revelar que os mesmos não se limitavam a exercer comércio lícito; emprestavam sua atividade pessoal à tarefa impatriótica e dissolvente da política internacional comunista". Polícia Política/RJ - DOPS, Pasta 44.

Foi na Gráfica Itambé, através de outro militante do PCB, que Raimundo Alves recebe a proposta de trabalhar na montagem da gráfica clandestina.

> [...] que em 1959 o "Diário", digo, "Novos Rumos", que era impresso no "Diário de Notícias", passou a ser impresso na gráfica referida [Gráfica Itambé]; que "Novos Rumos" era uma publicação semanal e tinha como secretário o Sr Fragmon Carlos Borges[24], que o declarante viu, pela matéria e a forma que a mesma era tratada, que o jornal era comunista; que o declarante passou a ter contato mais estreito com o Sr Fragmon [...].[25]

Fragmon Carlos Borges que teria feito a proposta para Raimundo montar uma gráfica clandestina na Zona Oeste da cidade. Desde 1964 com seus direitos políticos cassados e vivendo na clandestinidade, Raimundo Alves assume uma importante tarefa junto ao partido. A partir de 1965, nosso personagem irá reunir o grupo que fará parte da estrutura de produção gráfica do PCB no Rio de Janeiro.

Ofício militante

Um dos colaboradores da nova empreitada assumida por Raimundo Alves era seu próprio sobrinho, Newton Higino de Souza. Newton não participou de forma direta da gráfica de Campo Grande, mas deu suporte às impressões do partido quando necessário. Na Gráfica Hizel, de propriedade de Newton de Sousa, era feita a composição de matérias para o *Voz Operária* e outros impressos do Partido que recebiam o acabamento e eram impressos na gráfica de Campo Grande.

> Newton Higino de Souza, detido com os demais acima referidos [Raimundo Alves de Sousa, José Benedito dos Santos,[26] Antônio José Gonçalves[27] e Newton Libânio da Silva] [...] natural de Teresina-PI,

[24] Responsável pela compra do sítio onde funcionou a gráfico. Fragmon foi membro de SAP, em 1975 já havia falecido.
[25] Polícia Política/RJ - Inquérito Número 2 de 1975, Pasta 22.
[26] José Benedito dos Santos nasceu em Maceió, e durante anos trabalhou em usinas de cana de açúcar. Em 1955, recebe um convite para trabalhar em uma gráfica do Partido Comunista em Aracaju. José Benedito trabalhou nessa gráfica até 1964, quando após ser preso e liberado no dia seguinte resolve se esconder no interior de Maceió até que em 1965, financiado pelo partido, migra para o Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, foi convidado por Fragmon Carlos Borges para ser o caseiro do sítio que abrigaria a gráfica de Campo Grande. José Benedito também exercia a função de impressor na gráfica.
[27] Antonio José Gonçalves era cunhado de José Benedito dos Santos, nasceu em Sergipe e migrou para o Rio de Janeiro em 1959. No Rio de Janeiro, trabalhou na fábrica de Vidros Cisper, zona norte da cidade, de

> com 36 anos de idade, de cor branca, solteiro, de profissão industrial, proprietário da Gráfica Hizel, sita a rua Ana Neri nº 1658-Rocha.[28]

Em seu depoimento, somos informados de sua trajetória de migração, do aprendizado da profissão e do comprometimento de seu tio com o "movimento comunista" do Sindicato dos Gráficos.

> [...] veio para o Rio de Janeiro no ano de 1951 e aqui aprendeu a profissão de linotipista; que o declarante conseguiu seu primeiro emprego no Rio na Gráfica Leme Junior, situada no bairro da Saúde, contando com a ajuda de seu tio Raimundo Alves de Souza; que aquela época Raimundo também trabalhava na empresa; que posteriormente, o declarante trabalhou na Gráfica da Freitas Bastos, o Jornal, Revista Leitura, Cruzeiro, e outras que não se recorda; que após a Revolução de março de 64 o declarante veio a saber que "Raimundo Alves de Souza" era militante do Partido Comunista Brasileiro, isto porque seu tio esteve longo período escondido; que o declarante veio a saber que "Raimundo" estava comprometido com o movimento comunista do Sindicato dos Gráficos; que o declarante conheceu o senhor Romita, então presidente do Sindicato dos Gráficos, por ali haver comparecido para pedir patrocínio de uma causa trabalhista [...].[29]

Pressupomos que o grupo responsável pelo aparelho de Campo Grande tinha um alto grau de coesão, tendo em vista sua manutenção durante dez anos, mas os depoimentos marcam rotineiramente a distância entre esses indivíduos, estratégia plenamente justificável diante do perigo de comprometer a si mesmos ou a outros militantes que ficariam expostos à violência da ditadura. Em seu depoimento, Newton Higino esclarece o papel que sua gráfica exercia na estrutura de produção dos materiais de propaganda do PCB:

> [...] no ano de 1970 o declarante estabeleceu-se a rua Ana Neri Nº 1.658 com a Gráfica Hizel; que em 1971 Raimundo Alves de Souza propôs ao declarante instalar uma linotipo na Gráfica Hizel; que esta máquina seria utilizada para composição de linotipos para uma outra gráfica clandestina pertencente ao Partido Comunista e que era dirigida por "Raimundo". Que caberia também ao declarante explorar comercialmente a máquina, quando a mesma não estivesse trabalhando

---

onde, em dezembro de 1960, se afastou do serviço por conta de problemas pulmonares. Após um período internado para cuidar de sua saúde, entre 1963 e 1965, foi convidado por seu cunhado para trabalhar no sítio onde funcionava a gráfica. Ele cuidava do sítio e realizava pequenos serviços gráficos. Antonio Gonçalves alega em seu depoimento que quando foi trabalhar no sítio pensava que seu cunhado criava galinhas e só depois ficou sabendo o que realmente fazia.

[28] Polícia Política/RJ - Inquérito número 2 de 1975, Pasta 22.

[29] Idem.

> para o partido; que o declarante concordou com a proposta e levou para a Hizel uma linotipo cedida pela Gráfica Itambé; que a linotipo era utilizado para a composição do jornal "Voz Operária", do P.C.B. e outras matérias que o declarante não recorda os nomes; que o declarante também ajudava no trabalho de confecção e composição do jornal Voz Operaria; [...] que no final de 1971 o declarante foi detido por suspeitas de estar envolvido em atividades subversivas, sendo colocado em liberdade uma vez que nada ficou apurado; que posteriormente "Raimundo Alves de Souza" resolveu vender a máquina linotipo por questões de segurança; [...] que após a venda da máquina o declarante continuou a colaborar com Raimundo, fazendo compras de material em nome da Gráfica Hizel, e cortando as resmas de papel que eram utilizadas na confecção do Jornal Voz Operária; [...] que em 1973 Raimundo pediu ao declarante que registrasse como empregado da Hizel o elemento de nome "Newton Libânio da Silva" pois este camarada precisava aposentar-se e, para tanto, necessitava descontar para o órgão da previdência; que posteriormente o declarante veio a saber que "Newton Libânio da Silva" trabalhava para Raimundo e era quem imprimia o jornal Voz Operária na gráfica do PCB; que o declarante não sabia o local onde estava instalada a gráfica do PCB.[30]

O clicherista Jair da Silva Chagas também foi preso no início de janeiro de 1975, acusado de participar da produção de material gráfico para o Partido. Ele, assim como Newton, fazia trabalhos de suporte para a gráfica de Campo Grande. Como o responsável pelo funcionamento da gráfica de Campo Grande, Raimundo era o elo com os diversos elementos que de alguma forma contribuíam para a produção do material do Partido. Seu contato com esses "colaboradores" era feito a partir dos locais de trabalho e acreditamos do próprio sindicato.

> [...] que o declarante [Jair da Silva Chagas] conheceu "Raimundo Alves de Souza", há bastante tempo, não sabendo precisar dia, mês e ano, mas na época o declarante trabalhava em uma clicheria na Av Presidente Vargas, esquina da Rua Néri Pinheiro, que o declarante tinha como Sócio op Sr Ítalo Fasano; que o conhecimento com Raimundo se deu através de Ítalo Fasano; pois este último já havia feito trabalho de clicheria para Raimundo, que o declarante então passou a executar trabalhos de clicheria para Raimundo, o qual dizia ser proprietário de uma gráfica e ter muitos clientes, todavia nunca declinou qual o local que se instalava a gráfica. [31]

[30] Polícia Política/RJ - Inquérito número 2 de 1975, Pasta 22.
[31] Idem.

Apesar do aparente distanciamento, facilmente explicado pelas condições impostas no momento do depoimento, Raimundo, já em suas memórias,[32] se refere a Jair como "ótimo e leal companheiro", acrescentando que ele não militava no PCB, mas contribuiu de forma sistemática para a produção dos impressos do partido. Em janeiro de 1980, Jair da Silva Chagas é novamente preso[33], dessa vez por portar carteiras falsas de habilitação. Um resumo sobre suas atividades "subversivas" é produzido naquele momento.

> A partir de 1970, o epigrafado era um dos responsáveis pela montagem de clichês para impressão de diversas publicações do PCB, dentre as quais o jornal Voz Operária, as revistas Novos Rumos, estudos, e outras. Para tal mantinha ligações com RAIMINDO ALVES DE SOUZA (BATISTA, TANAKA, PETRONIO) E EVALDO LOPES GONÇALVES DA SILVA (GIL) ambos militantes do partido em tela.
> Em 1972, foi procurado por EVALDO LOPES G. S. (GIL), Na clicheria de sua propriedade, situada na Rua Sininha 486/ 204 – São Cristóvão – RJ, sendo solicitado que confeccionasse um clichê de Bandeira Nacional "adulterada" (com a foice e o martelo no seu circulo), no que foi atendido. [34]

Entre aqueles que participaram ativamente do trabalho na gráfica em Campo Grande, temos Newton Libânio da Silva, impressor responsável pelo trabalho tipográfico junto com Raimundo Alves.

> [...] iniciou suas atividades como gráfico com a idade de dezesseis anos; [...] que no ano de 1949 o declarante participou da campanha "O Petróleo é nosso", ajudando a pregar cartazes [...] que no ano 1960 iniciou suas atividades na gráfica Paulista, situada na rua dos Arcos nº 5, onde veio a conhecer "Erasmo Ferreira de Araújo"; que o declarante teve conhecimento de que "Erasmo" era militante do "Partido Comunista Brasileiro", sendo solicitado a fazer contribuições para o P.C.B. o que efetivamente fez; [...] que o declarante, embora sindicalizado, mas não frequentava reuniões em que se discutiam

[32] SOUSA, Raimundo Alves. *Os desconhecidos da história da imprensa comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005.

[33] Após ser preso Jair da Silva Chagas indica a polícia o local onde funcionava a gráfica que fazia as carteiras falsas. "Fechada Gráfica que fazia carteiras falsas". *O Globo* de 17 de janeiro de 1980; "Tudo era falso na gráfica até as carteiras do patrão". *Última Hora* de 17 de janeiro de 1980.

[34] Polícia Política/RJ - Comunismo, Pasta 156. A adulteração da Bandeira Nacional fui considerado, pela polícia política, um ato grave de insubordinação. Esse material foi produzido para comemorar os 50 anos da fundação do Partido Anexado ao Inquérito número 2 de 1975 temos uma pasta com 84 fotos do Aparelho de Campo Grande. As fotos são da parte externa da casa, das entradas para o subsolo, do material gráfico (máquinas, tipos de metal utilizado para produzir o *Voz Operária* e os demais impressos do Partido). As fotos também retratam parte do material impresso apreendido na ocasião. Uma das fotos é do clichê com a bandeira brasileira adulterada.

> aumentos de salários, preferindo a parte de Recreação e Cultura; que no ano de 1965 o declarante trabalhava na Gráfica Itambé, e já havia deixado de contribuir para a manutenção do "Partido"; que fora trabalhar nesta gráfica por indicação de "Erasmo Ferreira de Araújo", o qual sugeriu que o indiciado procurasse um senhor de nome "Raimundo Alves de Souza", que exercia as funções de chefe da oficina; que no final do ano de 1965 o declarante foi convidado a trabalhar na "Gráfica do buraco"[...].[35]

O Sindicato dos Gráficos aparece novamente como um espaço restrito de atuação política. A opção pela "recreação e cultura" aponta para um trabalho mais "silencioso" junto à categoria, já que estratégias de confronto poderiam ser tidas como mais arriscadas naquele momento, em particular para os gráficos comunistas que assumiam outras funções no partido. Mas a restrição da atividade sindical não impediu a inserção desse gráfico na "intranquila" atividade de produção do material gráfico do PCB.

As gráficas ligadas ao sistema de impressão do PCB, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo tiveram uma atuação fundamental na articulação de comunistas e simpatizantes contra o regime vigente. Porém, após quase dez anos de funcionamento dessa estrutura, em meio à abertura política anunciada pelo governo Geisel, ocorre a prisão e julgamento dos militantes responsáveis pelo funcionamento das gráficas do PCB. O inquérito policial que investiga a atuação da SAP destaca sua importância e chama atenção para o caráter subversivo das ações dos militantes que propagavam, através da imprensa clandestina, as idéias do PCB.

> [...] Tem por objetivo principal [o Inquérito nº 02 de 1975] apurar as atividades impatrióticas de maus brasileiros, a serviço de um partido internacional, de doutrina marxista-leninista, que os transportou para o exterior, onde os treinou, instruiu-os convenientemente para, como agentes do "PARTIDO COMUNISTA", tumultuarem a paz social e política do país, pregando a discórdia, incitando à luta, à subversão, à desordem, num desesperado esforço de incompatibilizar o Governo com o povo.
> O "PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO", tem uma complexa organização, sendo a "Seção de Agitação e Propaganda - SAP" a mais importante, cuja atribuição é fazer a divulgação, através de periódicos clandestinos e panfletos, onde insultam, injuriam, infamam as autoridades constituídas num esforço desesperado de criar na nossa terra o clima de insegurança e terror que lamentavelmente observamos em outros países.[36]

[35] Polícia Política/RJ - DOPS, Pasta 22. Inquérito número 2 de 1975.
[36] Idem.

Além de afetar diretamente a vida desses militantes, o impacto do fechamento das gráficas ligadas ao PCB no Rio de Janeiro e em São Paulo foi grande tanto para o PCB como para os órgãos de repressão. O assunto repercutiu também na imprensa nacional.

> Com as alegações finais do promotor Osíris Josephson, da 1ª Auditoria do Exército – pedindo a condenação de 24 pessoas indiciadas em inquérito pelo DOPS do Rio – chega praticamente ao fim o processo que apura o funcionamento de uma gráfica clandestina do Partido Comunista Brasileiro, cujos acusados vão agora a julgamento.[37]

Em dezembro de 1975, é iniciado o julgamento dos 24 indiciados no processo da gráfica clandestina do Rio de Janeiro.

> O Conselho Especial de Justiça da 1ª Auditoria do Exercito inicia hoje, às 13 horas, o julgamento de 24 denunciados em maio último com base no inquérito instaurado pelo DOPS carioca e que apurou o funcionamento de uma gráfica clandestina do Partido Comunista Brasileiro no Subúrbio de Campo Grande.
> O promotor Osíris Josephson pediu a condenação dos réus em vários dispositivos da Lei de Segurança Nacional, acusando-os ainda de terem reorganizado o PC e desenvolvido propaganda subversiva através de Voz Operária, Mundo em Revista e outras publicações comunistas.[38]

No dia 13 de dezembro, 12 dos 24 indiciados foram condenados com penas diversas, entre eles Raimundo Alves de Souza, Newton Libânio da Silva, Newton Higino de Souza e Jair da Silva Chagas. A maior pena, de três anos e quatro meses, foi a de Gutemberg Cavalcanti[39], o responsável pela direção administrativa do sistema gráfico no Rio de Janeiro. Raimundo Alves de Souza recebeu a segunda maior pena, dois anos e quatro meses de prisão, junto com o tenente reformado do exército Evaldo Lopes da Silva, também colaborador do SAP.

Diante da condenação dos militantes ligados ao sistema gráfico do PCB, militantes remanescentes da imprensa comunista e até mesmo a Anistia Internacional se manifestaram diversas vezes sobre as prisões e as arbitrariedades sofridas pelos

---

[37] "Vão a julgamento os 24 envolvidos na gráfica do PC". *O Estado de São Paulo*. 29 de novembro de 1975.
[38] "Conselho começa a julgar os 24 réus no processo da gráfica clandestina do PC". *Jornal do Brasil*. 10 de Dezembro de 1975.
[39] Gutemberg Cavalcanti nasceu em Recife, PE. Era radiotelegrafista e nos anos 1960 passa a trabalhar exclusivamente para o PCB. Seu irmão, que também colaborava com o partido guardando materiais em seu apartamento e abrigando membros do PCB que estavam sendo perseguidos, foi indiciado no inquérito sobre a gráfica clandestina do Rio de Janeiro, mas foi absolvido.

indiciados. Em março de 1965, Luis Carlos Prestes, durante entrevista concedida em Moscou e publicada no *Voz Operária*[40], pede a solidariedade internacional para os comunistas presos no Brasil, entre eles Raimundo Alves de Souza. A Anistia Internacional envia, em 1977, uma carta[41] ao DOPS cobrando informações sobre o estado de saúde de Newton Libânio da Silva e pede explicações sobre sua situação jurídica. Essas manifestações, mesmo que restritas tornavam a situação dos presos mais conhecida e poderia restringir as arbitrariedades cometidas.

Considerações finais

A existência de um complexo sistema de produção do material gráfico do PCB por quase dez anos sugere uma forte articulação do conjunto de trabalhadores responsáveis pela execução do projeto. A cidade do Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo tiveram particular importância nesse cenário. Personagens que circulavam entre essas duas cidades, como Raimundo Alves, desempenharam uma função central nesta articulação. A distribuição dos jornais era percebida pelo partido como a forma mais eficaz de transmitir suas idéias e questionamentos em meio à repressão que o país vivia. Apesar de em 1975 a estrutura da SAP ter sido seriamente abalada com a prisão de vários de seus integrantes e a localização das gráficas clandestinas, em março daquele ano o *Voz Operária* já circulava e denunciava a prisão e a tortura dos militantes ligados ao sistema gráfico. Os atores sociais que conhecemos neste texto possuem, em sua maioria, a identidade com uma categoria profissional específica, mas o pertencimento ao PCB ou a simpatia por suas idéias era um diferencial para esse grupo de gráficos. Os resultados da pesquisa indicam que a manutenção da SAP, particularmente da estrutura de produção gráfica, foi resultado de uma articulação que envolveu um conjunto variado de trabalhadores, especialmente de gráficos, dispostos a dedicar seu saber técnico e sua militância para articular forças no enfrentamento da ditadura no país.

[40] "Solidariedade internacional às vítimas da ditadura militar". *Voz Operária*. Março de 1965
[41] Polícia Política/RJ - DGIE, Pasta 229 - A.

Bibliografia

AMERICANO, Renato Pacheco. *Comportamento Social e Humano na Indústria Gráfica: Reflexões sobre uma experiência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

AQUINO, Maria Aparecido. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru, EDUSC, 1999.

BARBOSA. Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900 – 2000*. Rio e Janeiro: Mauad X, 2007.

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: DEOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo, Ateliê Editorial, PROIN/USP, FAPESP, 2002. 2ª ed.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Os Arquivos da Polícia Política Brasileira: uma alternativa para os estudos de História do Brasil Contemporâneo*. www.usp.br/proin/publicações/artigos. Acessado em 20 de novembro de 2008.

CASTRO, Nadya e AGIER, Michel. "Projeto operário, projetos de operários", in: CASTRO, Nadya; AGIER, Michel e GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Imagens e Identidades do trabalho*. São Paulo: 1995.

FIGUEIREDO, Mirian Beatriz Collares. "O acervo do DOPS: um projeto de tratamento documental". In: DOPS. *A lógica da Desconfiança*. Rio de Janeiro, Secretaria Estadual de Justiça, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996.2 ed.

FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos: Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MENDONÇA, Eliana Rezende Furtado de. "Documentos da Polícia Política do Rio de Janeiro". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.12, n 22, 1998.

PESSANHA, Elina e MOREL, Regina. "Gerações Operárias: Rupturas e Continuidade Na Experiência de Metalúrgicos no Rio de Janeiro". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: 1991. v. 6, n. 17.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos,* n° 10, Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

PORTA, Frederico. *Dicionário de Artes Gráficas*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.

SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos. Comunistas e Sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Boitempo/UNIRIO, 2001.

SANTANA, Marco Aurélio. “Política e História em Disputa: “O ‘Novo Sindicalismo” e a idéia da Ruptura com o Passado”, in: RODRIGUES, Iram Jácome (org.) *O Novo Sindicalismo Vinte Anos Depois.* São Paulo: Editora Vozes, 1999.

SAVAGE, Mike. “Classe e História do Trabalho”, in: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

SILVA, Fernando Teixeira. *A Carga e a Culpa – operários das Docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade (1937/1968).* Santos: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

SOUZA, Raimundo Alves. *Os Desconhecidos da História da Imprensa Comunista*. Rio de Janeiro, Fundação Dinarco Reis., 2005.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. 2ª ed.

XAVIER, Marília. “Antecedentes Institucionais da Policia Política”. In: DOPS. *A lógica da Desconfiança*. Rio de Janeiro, Secretaria Estadual de Justiça, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996.2 ed.